

TRUMBULL, Henry Clay. **The threshold covenant:** the beginning of religious rites. Nova York: Charles Scribner's Sons: 1896. 344p. Resumido por JLHack em dezembro de 2022. [Material bem antigo, com possível desatualização de informações; apresenta muitos exemplos de diversos povos e épocas; recupera uma informação importante esquecida atualmente].

1. Altar familiar primitivo (p. 3-98)

1.1. Uma saudação sanguinária na porta

O altar primitivo da família era a entrada da casa. As casas precederam os templos e o pai da família era o seu sacerdote. Ainda hoje (final do século 19), na Síria e no Egito, quando um convidado de honra deve ser recebido em casa, derrama-se o sangue de um sacrifício animal na soleira da porta, indicando a aliança feita com o convidado. Um bode ou carneiro é imolado e o seu sangue é derramado totalmente sobre a soleira da porta; o convidado entra na casa passando por cima do sangue e da soleira, sem pisar ali. Neste momento ele se une à família pela aliança da porta.

O sacrifício pode ser de um animal maior ou menor, ou até de vários animais. Quanto mais caro o sacrifício em proporção aos recursos do dono da casa, maior a honra dada ao convidado. Se o convidado chega inesperadamente, pode-se usar sal ou café para representar o sangue. A cerimônia de “batismo” de um navio substitui o sangue pelo vinho (“o sangue da uva”) ao lançar ao mar o navio (ou seja, quando ele cruza o limiar do mar). Em alguns povos se faziam sacrifícios humanos para honrar um rei nesta cerimônia. O costume é observado também na África central, na Libéria, na Rússia (aqui com pão e sal, que simbolizam carne e sangue).

Nas leis antigas da Índia, entrar em uma residência pela porta indica uma aliança implícita com a família; o convidado se sujeita às leis da hospitalidade. Se entrar por outro meio (janelas, teto), ele pode despojar e até matar a família, sem quebrar as leis de hospitalidade e de moralidade. Assim Jesus se pronuncia em Jo 10.1-2,9-10.

Passar sobre o sangue ou seu substituto na soleira da porta é aceitar a aliança com a família, mas pisar (e pisotear) a soleira demonstra desprezo pelo hospedeiro e sua aliança, conferindo-lhe grande indignidade. [Hb 10.26-30]

1.2. A reverência pelo altar da soleira

A soleira da porta de entrada no lar é considerada sagrada. Ao passar sobre ela, um árabe declara “Em nome de Deus”, para evitar má sorte para si e para os da casa. Isso também ocorre entre os hindus. Não se fica parado na soleira da porta, nem se senta nela em muitos povos. Outros beijam o limiar ao entrar na casa (Pérsia) ou fazem o sinal da cruz (Rússia). Finlândia, Lapônia, Hungria, Tartária e Samoa também consideram o limiar de forma similar.

Na antiga Assíria, imagens de deuses eram enterradas sob a soleira para barrar a entrada de espíritos indesejáveis. Diversas simpatias e superstições relativas à soleira também ocorrem na Itália, Alemanha, Lituânia, Romênia, Japão, Irlanda, Borneo, entre povos eslavos e indígenas do México. Por ser local sacro, diversos povos não permitem a saída de um defunto pela porta da frente da casa. Contudo, podem ser enterrados sob o altar da soleira (como em Ap 6.9-10).

1.3. A aliança da porta na cerimônia de casamento

Em muitos povos, a noiva precisa passar sobre a soleira da porta após o sacrifício de um animal ali, para indicar sua adesão à família do noivo. Outros povos fazem uma libação (unção) de água no limiar, ou o estampam (depósito) com pão e sal, mel ou manteiga, ou ainda grãos e frutas.

Estes vários costumes [exemplificados pelo autor] revelam que o lar só pode ser adentrado após ser feita uma oferta neste altar da porta.

1.4. Pisar ou ser carregado por sobre a soleira

Outro hábito associado é o de levar a noiva a cruzar o limiar sem pisar na soleira. É um costume observado por todo o mundo, desde a Antiguidade até os tempos modernos. As menções mais antigas revelam que este é um rito religioso voluntário. A noiva cruza a soleira com o pé direito (sem pisar nela) ou é carregada (pelo noivo ou por amigos do noivo).

Em alguns casos, o fogo (que simboliza a vida) está associado à entrada na casa. Há ainda relatos de transporte do noivo e da noiva por sobre a soleira.

1.5. Fundações de sangue

Ao se construir uma casa, é importante em vários povos a colocação da soleira e sua dedicação com sangue. Isso também ocorre com a pedra fundamental de um novo prédio ou casa, que é considerada a fronteira da construção. Certos povos praticam sacrifícios humanos; outros os substituíram por animais. O objetivo é estabelecer uma aliança de proteção com os deuses (Js 6.26).

Há inúmeros relatos de pessoas sacrificadas (em geral emparedadas vivas) para “garantir” que a construção se mantenha sólida. O costume prevalece em muitas regiões até hoje. Esta consagração também é feita em templos, altares e até ferrovias.

1.6. Apelos no altar

Pelo aspecto sagrado da entrada do lar, pode-se buscar a orientação divina ali. Pessoas que buscam abrigo podem se achegar à soleira de uma casa em alguns povos e isso obriga o hospedeiro a lhes dar asilo. A vida do hóspede é sagrada.

Em alguns casos, a reconciliação entre pessoas é feita por meio de sacrifícios na soleira da porta do ofendido. Daí procede o costume de se sentar à entrada da casa buscando justiça ou reparação para algum caso. Muitos povos julgam seus casos à entrada da cidade (portões). Vemos isso na Bíblia também (Êx 32.26: Moisés na “entrada do arraial”; Jz 19.25-30: a mulher morreu com a mão “sobre o limiar”; Rt 4.1-10; 2Sm 15.2-4; 19.8; Jr 38.7-9; Dn 2.49; Pv 8.34; Am 5.15; Zc 8.16; Is 29.21; Lc 16.19-20; At 3.3,10; Êx 21.5-6; Dt 14.17).

1.7. Sinais pactuais na porta

Visto que a soleira é um altar caseiro, os umbrais da porta em geral portam sinais ou inscrições de testemunho da consagração da casa. O próprio sangue do sacrifício pactual era passado nos umbrais como prova da aliança feita. Muitas vezes se acrescenta uma inscrição de bênção ou “boa sorte” para expulsar o azar e o mau olhado. Daí o costume hebraico (Dt 6.4-9; 11.13-21), ainda praticado hoje pelos judeus com a mezuzá (após tocá-la, ao entrar e sair, recitam o Sl 121.8).

Portas e portões de templos, palácios, pontes e prédios também são decorados com inscrições e figuras para garantir a bênção dos deuses.

1.8. O símbolo da mão vermelha

A mão da pessoa que faz a aliança era mergulhada no sangue e marcava os umbrais da porta. Com isso, o próprio sinal (a estampa da mão vermelha) passou a significar a aliança feita com os deuses. Sempre que a mão vermelha aparecia, era um símbolo do favor divino; ficou conhecida como a “mão do poder”. Passou a ser um amuleto para trazer sorte, uma marca muito comum nas casas de judeus, cristãos e muçulmanos de Jerusalém e da Palestina.

Com o tempo, a própria mão aberta passou a representar poder e sorte. É usada em muitos amuletos e inscrições por muitos povos antigos e modernos.

O costume de levantar a mão direita para abençoar ou ser abençoado pela divindade também aparece na Bíblia (Gn 14.22; Sl 63.4; Is 49.22; Ne 9.15).

A impressão da mão em tinta no corpo indica empoderamento; a impressão também já foi usada como assinatura em documentos.

1.9. Divindades da porta

Povos politeístas consagram cada portão da cidade, do palácio e dos prédios a um deus diferente. Tertuliano recomenda que os cristãos não coloquem guirlandas ou lâmpadas em suas portas, pois seriam entendidos como adoração aos deuses pagãos das portas.

2. O primeiro altar de templo (p. 99-164)

Um templo é apenas uma casa mais proeminente; os mesmos costumes se aplicavam. Era a habitação para uma divindade que guarda diversas famílias.

Altares no formato de porta [Stonehenge] são muito antigos, pois o templo é a porta de acesso à divindade. A cidade-templo de Babel (Gn 11.9) significa “portão dos deuses”. Vários povos chamam seu líder supremo de “A Porta”, como governante por direito divino. Jesus também se chamou de porta (Jo 10.9).

Diversos exemplos na Ásia, África, Europa, América e ilhas oceânicas. Na Bíblia, vemos adoração no limiar da porta (Ez 46.2; 9.3; 10.4; 43.8; Sl 84.10). Ofertas e consagrações foram feitas na porta da tenda (Lv 17.2-9; Ex 29.4; 29.10-12); ali desceu a glória do Senhor (Ex 40.6,29).

Na era medieval europeia, o batismo era feito fora da igreja e o casamento na porta da igreja (ainda no século 16). Nas igrejas atuais, a fonte batismal ainda fica na porta ou perto dela, para indicar a entrada do batizado na igreja. Em alguns lugares, o cruzamento do limiar da igreja no casamento foi substituído por pular sobre uma pedra (ou até uma vassoura). Na Finlândia, o pregador convidado só será bem ouvido se não pisar no limiar da igreja ao entrar nela (!). Uso da água benta para entrar na igreja católica. No Havaí havia cidades de refúgio (como no AT; Nm 35.6-32; Dt 4.41-43; 19.1-13; Js 20.1-9).

A santidade do limiar da casa, templo ou santuário é universal; ocorre em todos os povos e em todas as épocas. Sempre tem a ver com a vida, sua reprodução e continuidade.

Uma ideia correlata é o costume de se preservar a fundação (limiar ou pedra de esquina) do primeiro templo em uma região. Templos novos devem ser erguidos mantendo essa fundação original. Exemplos vários.

Na Bíblia, vemos Jacó adorar no mesmo lugar de Abraão (Gn 28.10-22; 13.1-3; 12.1-8). O templo de Jerusalém foi construído no local em que ficou a arca antes (2Sm 6.1-19; 24.15-25) e onde Abraão levou Isaque pro sacrifício (Gn 22.1-13). O próprio Messias é a pedra fundamental do novo templo (Is 28.16; 1Pe 2.6; 1Co 3.10-11), ali os cristãos são “pedras vivas” (1Pe 2.5), edificadas sobre essa fundação dos apóstolos e profetas (Ef 2.20-21); o povo de Deus deve restaurar a adoração em locais antigos (Is 58.12).

3. Linha sacra de fronteira (p. 165-192)

Com o aumento do território das famílias, o limiar do território passou a ser considerado sacro também. As fronteiras territoriais eram locais para adoração e sacrifício. Cruzar essa fronteira indica entrar em aliança com o deus local.

Marcos (em geral pedras) foram estabelecidos nas fronteiras, com inscrições de consagração a divindades e de maldições aos violadores. Na Bíblia também encontramos proibição de remoção dos marcos antigos (Dt 19.14; Pv 22.28; 23.10; Jó 24.2; Dt 27.17). Árvores também serviam como marcos (Gn 21.22-33); pedras formavam memoriais (Gn 31.43-53).

A marcação de fronteiras nacionais é coisa antiga. Em geral os marcos portavam a imagem do rei. O título de marquês está relacionado ao cuidado com os marcos da terra.

Sacrifícios similares à aliança com Abraão (Gn 15) eram feitos quando não existiam marcos estabelecidos.

4. A origem do rito (p. 193-202)

Revê o que foi dito.

5. O sacrifício da Páscoa ou da travessia hebraica (p. 203-214)

Deus não inventou um ritual novo, mas deu novo sentido a uma prática antiga. Os hebreus que fizeram sua aliança da porta com Javé foram poupadados do destruidor (Êx 12.1-25), pois Javé entraria (passaria sobre a soleira) na casa deles.

O termo hebraico *saph* deve ser traduzido como “limiar” ou “entrada da porta” nas narrativas da Páscoa. Em geral se entende que Javé “pulou” as casas que tinham marcas de sangue nos umbrais, mas o correto é entender que ele entrou em aliança da porta com aqueles que a marcaram; dessa forma, ele passou sobre a soleira daquela casa. Os rabinos conectam a este ritual o rito dos escravos voluntários (Êx 21.2-6).

Foi na época da Páscoa que Israel cruzou o Jordão e Josué invadiu Jericó (Js 5.10). Esse foi o limiar de uma nova terra, de um novo ano, de uma nova nacionalidade. Além disso, concretizou ali o casamento de Javé com Israel (Jr 31.31-32; Ez 16.8).

6. Páscoa cristã (p. 215-222)

O NT demonstra que a Páscoa se cumpriu em Jesus (1Co 5.7). O rito inicial era feito pelo pai, o sacerdote da casa, derramando sangue na soleira como uma aliança com o convidado a fazer parte da família. Jesus foi sacrificado no limiar da casa de Deus (Jerusalém). Por isso se torna um sinal de rejeição completa o pisotear a soleira (Hb 10.28-29).

Jesus é anunciado como o noivo da igreja (Ap 19.6-9; 22.17,20).

7. Desenvolvimentos e perversões do rito (p. 223-240)

Do sacrifício na soleira, que indica a aliança entre um casal e entre eles e Deus, surgiram os demais tipos de sacrifícios e ritos religiosos. Também a perversão da prostituição cultual deriva da junção do rito do casamento com o limiar do templo, assim como símbolos fálicos (postes-ídolos) e de árvores (asherim; representando a fecundidade feminina) nos santuários (Êx 34.12-15; Dt 7.5; 16.21-22).

Apêndices (p. 241-269)